O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 331

1 DE MARÇO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

A novidade de Lisboa na semana ultima, a novidade e o *successo* foi a *Tuna Compostellana*.

Foi muito rapida essa novidade, mas muito brilhante, e exactamente por ser rapida é que o enthusiasmo não esfriou um momento, e que os estudantes compostellanos levaram de Lisboa as mais gratas recordações, deixando cá tambem uma bella impressão.

Não fazendo isto por calculo de emprezarios habeis, demorando-se apenas muito pouco tempo, porque não tinham mais de que dispor, os *tunos* conseguiram, involuntariamente, aquillo que em *argot* de commerciante se chama «dar no vinte.»

Se todos os agentes theatraes de novidades que tem vindo a Lisboa tivessem feito o mesmo que a *Tuna Compostellana*, teriam regressado ás suas terras com a algibeira quente, não lhes aconteceria, como tem acontecido, o deixarem cá todo o dinheiro que ganharam, e ainda mais algum que traziam.

O grande segredo dos successos theatraes de Lisboa é a exploração rapida da novidade, e não insistir.

Os *tunos*, sem calculo nem plano, fizeram isso e deram-se bem; não se aborreceram de nós nem nós nos aborrecemos d'elles.

Assim é que é.

Em Lisboa deram apenas tres espectaculos, e esses mesmos em tres dias a seguir, sem intervallos, e quasi que todos improvisados á ultima da hora.

Foi tudo de afogadilha, e a afogadilha deu-lhes optimos resultados.

O seu primeiro concerto em S. Carlos, o concerto de segunda feira, foi decidido e resolvido no domingo á noite, já tão tarde que nem tempo

A TUNA COMPOSTELLANA (Segundo uma photographia da Photographia Moderna, do Porto)

houve para mandar fazer cartazes, e para enviar para os jornaes annuncios em regra, programmas *detalhados*.

Nos jornaes de segunda feira apenas appareceu pela manhã — em alguns, que não em todos — uma noticiasinha pequena dizendo simplesmente que era n'essa noite que a *Tuna Compostellana* dava um concerto em S. Carlos, em beneficio da *Caixa d'auxilio aos estudantes pobres portuguezes*.

Pois isso foi o sufficiente, essas duas linhas nos jornaes da manhã, para que antes do meio dia já não houvesse no camaroteiro de S. Carlos um unico bilhete para a recita da noite.

É verdade que o beneficio era patrocinado por uma commissão de senhoras das mais distinctas da nossa primeira sociedade, tendo á sua frente a sr.ª duqueza de Palmella; mas a casa passou-se independentemente da alta influencia d'essas nobres damas, porque foi a curiosidade do publico pela *Tuna Compostellana*, por essa famosa *Tuna* que no Porto causára tanto enthusiasmo, que fez desapparecer do camaroteiro de S. Carlos, n'um abrir e fechar d'olhos, todos os bilhetes que elle lá tinha.

A noite o theatro, que estava muito bem illuminado, porque além do lustre do tecto estavam accesos todos os candelabros que nas tres ordens circumdam a sala, apresentava um aspecto deslumbrante, completamente, litteralmente cheio de espectadores, desde as cadeiras até ás galerias.

O espectaculo foi realmente magnifico, enthusiastico, original.

A apresentação da *Tuna* produziu uma impressão agradabillissima. Quando o panno se ergueu e descobriu o palco de S. Carlos cheio de *tunos*, com os seus pittorescos trages, sentados em semi-circulo, uns com violas, outros com guitarras, outros com pandeiretas, outros com violinos, outros com flautas, tendo no meio, na mão d'um dos estudantes, a bandeira hespanhola, enfeitada com as corôas que a *Tuna* conquistára no Porto, o publico irrompeu em freneticas palmas, em calorosos applausos.

Esses applausos transformaram-se em enthusiastica ovação perante a amavel cortezia dos estudantes hespanhoes.

A primeira peça que a *Tuna* executou, pondo-se de pé, foi o hymno real portuguez.

Todo o publico se levantou, todas as senhoras se ergueram nos camarotes, emquanto se executava o hymno nacional, e n'esse momento o theatro apresentava um aspecto maravilhoso.

Os *tunos* tocam muito bem, com muita alma, muito colorido; fazem valer muito a musica que executam pela expressão, e o publico applaudiu-os immenso.

Depois o seu trage, a sua elegancia, a sua mocidade petulante alegrou muito o espectaculo, contagiou-se ao publico.

Na parte choral, agradou-nos muito menos a *Tuna*, e ella comprehendeu bem que não era essa a sua parte forte, porque apenas apresentou um trecho vocal no concerto.

O que agradou mais, acima de tudo, foi as pandeiretas. Eram só dois os *tunos* encarregados de tocar esse instrumento tão hespanhol, e tocaram-n'o como artistas consummados, e ao mesmo tempo como hespanhoes *pur sang*, fazendo com a maior seriedade cabriolas phantasticas para tanger o pandeiro, arrancando-lhe sons extranhos, effeitos imprevistos.

Não ouvimos a *Tuna Compostellana* senão n'esse primeiro concerto, gostámos immenso d'ella, já pelo lado pittoresco, já pelo lado artistico, lamentando apenas, sob este ponto de vista, que os *tunos* não escolhessem de preferencia musicas hespanholas bem caracteristicas, de que pela sua nacionalidade, pela sua mocidade, pelo seu temperamento peninsular, a *Tuna Compostellana* tiraria evidentemente ainda muito mais effeito, como alias se viu n'uma *malagueña*, que executou magistralmente.

O concerto correu muito animado e brilhante com o concurso da sr.ª Regina Paccini, da distincta amadora de musica D. Paulina Stegner, dos cantores Antonio e Francisco d'Andrade, e dos actores Antonio Pedro, Valle e Silva Pereira.

Quando Regina Paccini acabou de cantar o *rondó* da *Lucia*, houve no palco uma scena nova em S. Carlos e d'um grande effeito pittoresco.

Todos os estudantes da *Tuna*, enthusiasmados com a magistral execução da juvenil cantora, vieram ao palco atirar-lhe aos pés as capas para Regina passar por cima, no meio d'uma acclamação delirante.

O publico electrisou-se com esses ardentes enthusiasmos juvenis, e durante minutos, o publico e os estudantes hespanhoes, fizeram á nossa gloriosa cantora a mais ruidosa e original manifestação de enthusiasmo a que temos assistido.

Não é nosso intento aqui fazer a chronica do concerto de S. Carlos, entretanto não podemos deixar de registar a maneira primorosa como Antonio d'Andrade cantou a romanza da *Luisa Miller*, e o successo enorme alcançado por Francisco d'Andrade na *Charité* de Faure e depois nos *couplets* do *toreador* da *Carmen* que, de surpresa, lhe foram pedidos por toda a sala.

Ha dois mezes, uma noite em casa da pessoa que escreve estas linhas, n'uma reunião muito intima em que estavam apenas alguns homens de lettras e artistas, Francisco d'Andrade cantou esses *couplets* do *toreador*, acompanhado ao piano por Augusto Machado, o illustre maestro dos *Dorias*.

O successo que o glorioso cantor teve perante esse limitado, mas muito illustre, auditorio, foi colossal.

Nunca se tinha ouvido cantar com aquella expressão, com aquella prodigiosa arte, com aquelle maravilhoso talento, a famosa musica de Bizet.

D'ahi nasceu no espirito de todas as pessoas que assistiram a essa execução *horsligne* o desejo sacratissimo de ouvir toda a *Carmen* cantada por esse excepcional Escamillo, e por Antonio de Andrade, que tem no papel de D. José uma das suas mais brilhantes coroas.

Esses desejos transpareceram em muitos jornaes de Lisboa.

Demais a mais, temos actualmente em S. Carlos uma artista que pela indole essencialmente dramatica do seu poderoso talento seria uma Carmen ideal — a grande cantora Helena Theodorini.

Portanto, parecia naturalmente indicado que a empreza de S. Carlos, que é tão intelligente, que tem tanto prazer e ao mesmo tempo tanto interesse em bem servir o publico, daria este anno a famosa opera de Bizet, que é a opera que n'estes ultimos annos mais tem agradado em Lisboa, podendo, demais a mais, servil-a ao publico com um desempenho verdadeiramente *hors-ligne*.

E por parecer isto muito logico e pelo grande desejo que havia de ouvir a *Carmen* este anno assim cantada, a noticia, de que a formosa opera seria dada esta epocha, correu rapidamente, e foi recebida com enthusiasmo por todo o publico.

De subito, e sem se saber porque, appareceu a contra-noticia — a *Carmen* não se cantará esta epocha; apesar de ter uma Carmen como a seria a Theodorini, um D. José como nos dizem ser o Antonio d'Andrade e um Escamillo como é Francisco d'Andrade, a peça de Bizet não figurará no reportorio da presente estação lyrica.

Os *dilletanti* da boa musica ficaram profundamente desapontados com esta noticia, e na noite da *Tuna*, apanhando em scena o Francisco d'Andrade, a cantar n'um concerto, aproveitaram a occasião e pediram a *Carmen*, de que tantas maravilhas tinham ouvido dizer.

Apezar de colhido de surpreza, de não ter ali a musica, Francisco d'Andrade accedeu ao pedido do publico e cantou a *Carmen*, acompanhado de cór, ao piano, pelo maestro Pontecchi.

E como elle a cantou! O publico maravilhado fez-lhe uma ovação colossal, e se amanhã a empreza de S. Carlos der a *Carmen*, como cremos que no fim de contas dará, porque não perderá voluntariamente a occasião de fazer ouvir ao publico de Lisboa a sua opera predilecta com um desempenho *horsligne*, a *Carmen* será um dos maiores successos lyricos do nosso tempo.

Mas voltando á *Tuna*, de que o Occidente publica hoje o retrato acompanhado por um interessante artigo discriptivo da sua chegada a Coimbra e estada no Porto, a *Tuna* fechou esse seu primeiro espectaculo pelo hymno real portuguez.

É preciso notar que a orchestra de S. Carlos correspondeu á gentileza dos briosos estudantes compostellanos, tocando-lhes, quando elles appareceram no principio da terceira parte do concerto, o hymno real hespanhol, que foi ouvido de pé por todos os espectadores das plateas e camarotes.

Nas duas noites immediatas a *Tuna Compostellana* deu concertos no theatro do Gymnasio, com enchentes enormes e o mesmo ruidoso enthusiasmo.

Na noite do ultimo concerto, havia *soirée* em casa do ministro d'Inglaterra, e quando acabou o espectaculo do Gymnasio, a *Tuna* foi para casa do illustre diplomata britannico, onde a sua apparição foi saudada com um enthusiasmo indiscriptivel.

Os estudantes de Lisboa fizeram brilhantemente as honras da terra aos seus distinctos hospedes, offereceram-lhe um banquete no *Restaurant Araujo* e deram em sua honra uma sessão solemne na Escola Polytechnica, concedendo n'esse dia o sr. ministro do reino feriado em todas as escolas, por causa d'essa festa academica.

A *Tuna* partiu na sexta feira para Braga, onde se lhe preparavam grandes festejos.

E acabamos a chronica sem ainda fallarmos do theatro Avenida. Fica para a outra vez, e naturalmente já teremos então a grande novidade que este theatro vae apresentar, a companhia do Principe Real do Porto, que traz um grande reportorio de opera comica, e que tem por *estrella* a gentilissima e talentosa actriz Thomazia Vellozo.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

A TUNA COMPOSTELLANA

O gracioso grupo de estudantes compostellanos que ha pouco esteve em Lisboa, veio expressamente ao Porto a convite do club Tenentes do Diabo, para tomar parte nas festas carnavalescas promovidas por aquella sociedade de recreio.

Aproveitando a sua visita ao nosso paiz, os *tunos* quizeram primeiro que tudo prestar uma homenagem de concideração á Academia de Coimbra e assim dirigiram-se directamente áquella cidade, onde tiveram, por parte dos alumnos da Universidade, uma recepção enthusiastica, á qual se associaram todos os habitantes.

As demonstrações de calorosa confraternisação trocadas desde esse dia entre os academicos portuguezes e hespanhoes foram expressivas e de uma expansão indiscriptivel.

No sarau realisado no theatro Academico em favor da sociedade Philantropica Academica, os estudantes de S. Thiago offereceram aos de Coimbra uma rica corôa em que se lia a seguinte dedicatoria: «*A los estudiantes de Coimbra sus compañeros de Santiago*».

O espectaculo foi uma festa memoravel pelo seu brilhantismo e pelas ovações de que se tornou alvo a *Tuna*.

Houve discursos, poesias, acclamações incessantes, emfim, um completo dilirio, a que os estudantes compostellanos corresponderam com toda a bizarria da sua mocidade e do seu arrebatamento.

No dia seguinte houve um delicioso passeio pelo Mondego, e, no immediato, a *Tuna*, depois de receber da Academia de Coimbra e de toda a população as provas mais significativas de sympathia e affecto, partiu para o Porto, acompanhada de um numeroso grupo de estudantes da Universidade.

A recepção que os academicos das duas universidades tiveram alli não foi menos calorosa nem menos brilhante.

Esperados por quasi todos os estudantes dos estabelecimentos scientificos d'aquella cidade, pela corporação dos Bombeiros Voluntarios, pelos socios do club Tenentes do Diabo e por grande multidão de curiosos, os academicos portuguezes e hespanhoes seguiram da estação para a casa do club em uma verdadeira marcha triumphal, illuminada a archotes e a balões venezianos, repetindo-se a cada passo, durante o transito, as acclamações e os vivas.

No club houve discursos trocados entre os estudantes de Coimbra e de Santiago, suggerindo-se ahi a ideia de se effectuar uma grande reunião academica, para uma commissão ir a Lisboa, com a *tuna*, a fim de solicitar do monarcha o perdão para o estudante D. Francisco da Camara, que fôra riscado temporariamente da Universidade.

No domingo de carnaval, os estudantes de Compostella, acompanhados dos de Coimbra, percorreram os theatros e salões publicos de bailes, fazendo uma *quête* em favor das Sociedades Philantropica Academicas do Porto e Coimbra e na segunda feira de tarde realisou-se no theatro do Principe Real a grande assembleia em que se decidiu definitivamente a partida para Lisboa da *tuna*, acompanhada por commissões de estudantes do Porto e Coimbra para pedirem o indulto do estudante riscado.

A noite, no mesmo theatro, effectuou-se o primeiro concerto da *Tuna*, sendo os trechos da musica alternados com discursos e poesias reci-

tados por academicos de Coimbra e Porto, respondendo por vezes aos cumprimentos que eram dirigidos aos estudantes de S. Thiago, o presidente da *Tuna*, o sr. Otero Acevedo.

A orchestra, dirigida por D. José Curros, um violinista primoroso, teve os mais fervidos applausos n'essa primeira audição.

No sarau, a *Tuna*, além de muitos *bouquets* e de nuvens de flôres desfolhadas que cahiam constantemente no palco, recebeu magnificas corôas do club dos Tenentes do Diabo, dos Bombeiros Voluntarios e da Sociedade Philantropica Academica do Porto.

O publico, pela sua parte, fez uma ovação immensa aos estudantes hespanhoes.

Na terça feira de entrudo, estes encorporaram-se no prestyto carnavalesco do club dos Tenentes do Diabo, indo em tres grandes carros ornamentados.

Por todas as ruas as senhoras atiravam-lhes flores das janellas, agitando ao mesmo tempo lenços brancos, correspondendo os *tunos* com estrepitosos vivas e arremessando os chapeus ás varandas.

Na quinta feira houve o segundo concerto da *Tuna* e na sexta e terceiro dedicado por ella á Creche de S. Vicente de Paulo, ao Real Hospital de Creanças Maria Pia e á officina de S. José, brindando-a todos estes estabelecimentos com formosas corôas e diplomas honorificos.

No sabbado, finalmente, os estudantes compostellanos partiram para a capital, tendo as despedidas mais affectuosas por parte dos academicos portuenses e das corporações que haviam sido por elles obsequiadas.

No domingo, 19 de fevereiro, chegou a estudantina a Lisboa no comboio da manhã.

Era esperada na estação dos caminhos de ferro de norte e leste por alguns membros da Associação Academica de Lisboa, realisando-se no dia seguinte, em uma das salas da Escola Polytechnica, a recepção em fórma, dos sympathicos visitantes pelos estudantes de Lisboa, que alli se reuniram em grande numero, trocando-se os mais cordiaes cumprimentos e pronunciando-se varios discursos cheios de enthusiasmo e de mocidade.

A nossa chronica de hoje, referindo-se largamente á *Tuna Compostellana*, e aos brilhantes concertos que a mesma realisou no theatro de S. Carlos e do Gymnasio, despensa-nos de alongarmos mais este artigo, podendo os nossos leitores recorrer a ella para melhor se informarem das enthusiasticas ovações de que foram alvo em Lisboa os estudantes de Compostella.

Registamos aqui os nomes dos estudantes que compunham a *Tuna*, e são os seguintes:

Presidente, Manuel Otero Acevedo, medicina; *thesoureiro*, José Indart, pharmacia; *regente*, José Curros, medicina; Francisco Rey Blanco, medicina; Wenceslau Requeijo, direito; José Leira, direito; Marianno Fafall, direito; Gerardo Curros, direito; Jesus Curros, theologia; Luis Gigirei, medicina; Alvaro Soto, medicina; Jesus Garcia, direito; Maximiano Fernandez, medicina; Juan Folch, pharmacia; Jesus Paz Pardo, direito; Santiago Cimadevila, medicina; Enrique Grimaldos, medicina; Gregorio Artiach, medicina; Gregorio Gondra, pharmacia; Bernardo Monasterio, medicina; Andrés Unate, pharmacia; Jesus Gil, medicina; Zoofimo Alvarez, medicina; Sergio Fojo, medicina; José Nieto, direito; Marcos Allen, pharmacia; Juan Fernandez, direito; Rafael Lago, direito; Juan Cabanas, medinina; José Seijas, direito; Luis Villaberde, medicina; Melchor Iglesias, direito; José Galdiz, medicina: Antonio Quero, medicina; Luis Artaza, pharmacia; Manuel Conde, direito; Camilo Bargiela, direito; Venancio Gaiztarro, pharmacia; José Paz, direito; Adolfo Castro Mouge, direito; Gonzalo Madrigal, pharmacia; José Martias Feijeiro, medicina; Manuel Portela, medicina; José Prendez Pando, direito; Daniel Pimentel, medicina; Pedro Plaza, pharmacia; Manuel Boato, medicina; Luis Ping, direito.

A nossa gravura é copia de uma photographia que nos foi obsequiosamente offerecida pela Photographia Moderna, do Porto, onde a *Tuna Compostellana* se retratou em grupo.

EXPEDIÇÃO AO MUATA-IANVO

Quando o major Henrique de Carvalho propoz ao governo ir á Mussumba, em embaixada ao Muata, a situação do Imperio era muito differente da actual. Havia annos que os allemães tractavam de obter as boas graças do Muata, enviando-lhe os seus melhores exploradores e magnificos presentes. O seu fim era estabelecer relações commerciaes com o interior d'Africa, afim de encontrar novo alimento á industria allemã.

O major Henrique de Carvalho comprehendeu logo que era indispensavel contrariar os esforços allemães, que tendiam a desviar o commercio do sertão para o norte, e estabelecer relações commerciaes seguras entre Loanda e a Mussumba. O seu projecto era grandioso, difficil e patriotico. Nenhuma das explorações modernas teria dado resultados mais praticos do que esta, se acontecimentos imprevistos, e outras causas, que por ora callamos, não o tivessem demorado e desviado do seu benemerito proposito.

Em resumo, o seu fim era estabelecer um cordão de estações civilisadoras e commerciaes entre Malange e a Mussumba, e depois, descendo ao Sul, explorar o Cafué, atravessando a Manica, ir sair pelo sul da nossa provincia de Moçambique. O plano tinha sido magistralmente concebido. O homem põe e Deus dispõe. Morto o velho Muata, entrou o grande imperio da Lunda em dissolução. Dividia-se aquella importante zona em dois partidos, que representavam os dois successores que ambicionavam o poder. O que Henrique de Carvalho ainda fez n'esta conjunctura é admiravel de coragem, de abnegação, de bom criterio e de patriotismo.

Ha de escrever-se um dia essa terrivel lucta contra os elementos naturaes e contra os homens brancos e pretos. Por agora, nada diremos, porque o nosso fim é apenas aprezentar o retrato do benemerito explorador, tirado em Malange, de volta de sua terrivel missão. Envelheceu vinte annos; mas a perseverança e a energia relevam-se sempre n'aquella phisionomia. Acompanha o retrato uma gravura da embaixada do Muata, que o acompanha.

Sentado n'uma cadeira está Noéji, filho do *Muati-ianvua* com as suas *miluínas* na cabeça, signal caracteristico de *Muati-ianvua* e atraz d'elle os dois *tu-xalápóli* de serviço, um com o *mucuáli*, grande faca, na mão direita e o outro com o *txi-séque* (sombreiro) protegendo do sol a cabeça do seu amo.

Sobre o sólo, estão sentadas á direita d'elle, as mulheres da commitiva; a mais proxima é a sua *muári* (mulher) e logo em seguida a do *Cánápunba*, grande do Estado que acompanha o filho do *Muati-ianvua*, e que tem a seu cargo vigial-o para que não lhe succeda mal algum, e de o aprezentar a seu pae quando regresse da sua missão; as duas que se seguem são aias da primeira.

Do lado direito por sua ordem estão sentados tambem no sólo junto d'elle um pouco á frente o *Calála*, (qui-lólo) grande do Estado, que anda sempre á frente do *Muati-ianvua*, vigilante no caminho para o salvar d'emboscadas, e em geral na residencia ou em qualquer parte para tomar a frente a qualquer inimigo; atraz d'elle vê-se o *Cánapunba*, que protege a rectaguarda do *Muáti-ianvua*.

Ao lado do Calála está o *Fáiéji* e um pouco atraz d'elle *Caungula*, tambem *ilólo* (grande do Estado) com encargos domesticos, além dos que lhe pertencem na Côrte.

Todos estes homens são representantes de seus amos; porém, desde o dia que sahiram das suas residencias por elles despachados (como é de uso), tomaram seus titulos, e como taes são considerados; e é por isso que ao filho do *Muati-ianvua* se chama *Muati-ianvua*, e como tal é considerado por elles não lhe faltando á minima honra.

Elle, por sua parte, procede com os seus como se fosse *Muati-ianvua*, dando-lhes de comer, beber, vestir etc. etc.

Esta embaixada vem a Loanda, agradecer a Sua Magestade El-Rei de Portugal, os beneficios que tem despensado ao Estado dos *Ati-ianvua*, e pedir-lhe se amercê de tomar sob sua valiosa protecção o mesmo *Estado*, educando seus filhos, e ensinando-lhes a tirar vantagens dos vastissimos territorios que possuem, concedendo-lhes bons chefes e mestres, pois, desanimados pela decadencia em que vai caminhando, receiam os grandes da Côrte que o afamado *Estado dos Ca'npócólos* (valente da arma branca) em pouco seja retalhado, e passe a mão de inimigos por falta d'uma boa protecção.

Dizem ainda os da embaixada, que tendo-se votado por este ultimo recurso, como unica medida de salvação, todos foram unanimes em solicitar-se de *Muéne-Puto*, de quem seus avós sempre fallaram com muito respeito, a valiosa protecção; e na, esperança de que serão attendidos, acompanham o nosso major Dias de Carvalho, a quem chamam seu pae *(tátuco Noéji)* e dizem que passam o *Calunga* (mar), se *Muéne-Puto* os quizer ver e ouvir *(muén'êndi)* elle mesmo, o proprio.

Acompanhando o nosso major, vieram tambem a *Malange* representantes de todos os potentados d'além do *Cuango* até *Ndála Qui-súa*, mandando este a sua *musica gentilica*: vieram assegurar ao commercio que o caminho de *Muéne-Puto* para o interior era o caminho que percorrêra o *Ngána Major;* que os seus filhos lhe deviam a vida e muita protecção no meio do gentio; e por isso podia o commercio mandar por ahi seus aviados, que seriam tambem muito bem tratados e protegidos, e não haveria mais amarrações.

Estes estiveram em *Malange* oito dias, onde se baptisaram alguns, foram muito bem recebidos pelos srs. chefe tenente Sarmento, negociantes, e missão americana.

Quasi todos os negociantes, quando elles se despediram, presentearam-nos com fazendas, missangas, casacos, chapeus, espelhos e outros artigos de seus estabelecimentos; com o que ficaram muito contentes e foram apresentar, tudo a seu pae, o major Carvalho, para este fazer a distribuição. Tambem desejavam ir a Loanda; porém não podiam abandonar os trabalhos das lavras que haviam principiado já, quando regressara o benemerito explorador, e por isso, elle mesmo os aconselhou a voltarem aos seus trabalhos.

Brevemente, veremos entre nós aquelle valente, que com verdadeira e patriotica abnegação soffreu, longe dos seus, quatro longos annos, moral e phisicamente, mil tormentos, só para cumprir a missão espinhosa, de que fôra encarregado.

A patria saberá de certo compensal-o, pela recepção que lhe fará, de todas essas infindas horas que elle via decorrer no sertão, sentindo mais a dôr de não ver realisar-se o benefico resultado que antevia para o seu querido paiz, do que o receio da morte, que a todos os momentos se lhe apresentava, sob mil aspectos.

E' que a vida para estes benemeritos pouco ou nada vale: *atteindre le but*, é a sua divisa — custe o que custar.

Eurico Allen.

AS MACHINAS COMPRESSORAS WHITMAN

De entre todas as associações de individuos e de ideias que temos no nosso paiz para a exploração de diversos fins industriaes, a Companhia Real Promotora de Agricultura Portugueza é, incontestavelmente uma das que melhor merecem o titulo de benemerita dos interesses geraes.

Os seus serviços á agricultura tem sido relevantes, a sua influencia benefica estendendo-se a todos os ramos da actividade agricola tem produzido resultados eloquentes para que possamos affirmar que a industria agricola lhe deve uma boa parte dos seus desenvolvimentos presentes, e muito lhe deverá mais em cada anno que decorrer e em que a boa direcção d'aquella companhia acompanhar os seus progressos com o conselho e incitamento para o mais completo aperfeiçoamento, como o tem feito até hoje.

Fundando na Povoa de Santa Iria uma importante fabrica de adubos, a Companhia Promotora conseguio fertilisar as lavras segundo os mais modernos estudos scientificos, adoptando a cada uma e para cada cultivo o adubo apropriado.

Estabelecendo em Lisboa um deposito bem fornecido de machinas agricolas, bem ensinando ao agricultor o meio de melhorar os seus processos de trabalho ou de preparar melhor os seus productos, creando em todo o paiz o gosto pelo aproveitamento das descobertas mechanicas, ideal de tão difficil realisação n'um paiz rutineiro como o nosso, onde o espirito conservador se torna sempre avesso a tudo quanto é vantajoso unicamente pelo grande crime de... ser novo.

Uma d'essas machinas é a de que hoje damos a gravura — a compressora de palha, feno, lã etc.

No dia 19 de fevereiro assistimos no picadeiro do sr. José Maria dos Santos á experiencia d'estas machinas, a de força animal que a nossa gravura representa e uma outra movida a vapor.

Aquella foi adquirida pela administração militar e esta pelo ministerio das obras publicas para a escola central de Coimbra.

Uma e outra trabalharam perfeitamente.

A palha é introduzida a pequenas porções por uma abertura quadrilonga que ha sobre a machina e immediatamente comprimida por forma a ir formando o fardo que depois de ligado por fortes arames, lá o vimos a sair pela outra ex-

EXPEDIÇÃO AO MUATA-IANVO

O MAJOR HENRIQUE DE CARVALHO (Segundo uma photographia de S. Sarmento)

A EMBAIXADA DO MUATA QUE ACOMPANHOU O MAJOR HENRIQUE DE CARVALHO A LOANDA

(Segundo uma photographia de S. Sarmento)

tremidade perfeitamente prompto a ser armazenado.

Por esta forma cada panno de palha, pesando 55 kilos regularmente, e que hoje occupa um espaço não inferior a 8 metros cubicos, fica reduzido ao volume de menos de um metro, e portanto os depositos d'este genero para os quaes até hoje se exigia uma grande capacidade podem reduzir-se hoje a menos da oitava parte do que são.

Mas não é só esta a vantagem das machinas Whitman.

A economia que do seu trabalho resulta é enorme.

Para o provar basta ver que a machina movida por cavallos pode produzir 150 fardos em 10 horas, o que n'um só mez de trabalho dá o enfardamento de 4500 volumes.

A movida a vapor pode fazer 400 a 600 fardos em egual numero de horas segundo a pa-lhe em cima uma caixa de phosphoros de cera, a arder, já finalmente incendiando um monte de palha solta e rodeando com ella o fardo.

As labaredas cobriam-n'o lambendo-o de todos os lados, mas, terminadas ellas... o fardo estava apenas chamuscado!

A experiencia com agua dá o mesmo resultado conservando o fardo a mais completa impenetrabilidade.

Comprehende-se facilmente a immensa conveniencia que taes machinas representam, só pelo facto de evitarem os riscos de incendio e não nos parece de mais lembrar que existindo por essa cidade tantos palheiros que põem em perigo os mais bellos, edificios visinhos, agora que tão facil se torna evitar essas catastrophes, se adoptasse alguma providencia n'este sentido.

A' experiencia assistiram suas altezas o Principe D. Carlos, a princeza D. Amelia e os infantes D. Augusto e D. Affonso, ministros das

EXPERIENCIA DE MACHINA COMPRESSORA DE PALHA E FENO, DE WHITMAN

REALISADA EM 19 DE FEVEREIRO DE 1888, NO PICADEIRO DO SR. JOSÉ MARIA DOS SANTOS, Á JUNQUEIRA

(Desenho de J. R. Christino)

trica adquirida pelo homem que tem a seu cargo ligar os fardos com os arames.

Com esta machina, portanto, pode-se enfardar em um só mez de trabalho o peso de 990 toneladas de palha ou 18.000 pannos.

A despeza com cada fardo regula por 20 reis em media podendo reduzir-se a 16 reis conforme a prestesa do trabalho qne não depende da machina mas dos encarregados de lidarem com ella.

Outra vantagem ainda é a facil arrumação dos fardos que, como se vê na gravura ficam formando um cubo regular e de facil remoção e ainda a fiscalisação que assim se pode exercer de uma forma effectiva porque basta contar os fardos para se conhecer a quantidade de palha armazenada.

Mas, de todas, a mais notavel vantagem, que, na experiencia a que a amabilidade da Companhia Promotora da Agricultura nos permittiu assistir, nos surprehendeu, a nós como a todos, é a incombostibilidade com que ficam os fardos.

Por todos os meios possiveis tentou-se lançar fogo a um; já queimando todas as pontas de palha que haviam ficado salientes, já deitando-obras Publicas e da guerra, algumas senhoras, officiaes do exercito, imprensa etc.

O sr. duque de Palmella fez acquisição d'uma d'estas machinas para serviço das suas propriedades e outros grandes agricultores já lhe têem seguido o exemplo.

L. de Mendonça e Costa.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

I

CASAS DE MISERICORDIA

Deve-se a instituição das Misericordias a um religioso castelhano da ordem da Santissima Trindade, Frei Miguel de Contreras, confessor da rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. João II.

Foi movido pela caridade mais evangelica e o amor mais acrisolado da humanidade que este varão propôz á rainha D. Leonor a instituição de uma irmandade, que, devendo prestar alivios e prompto soccorro aos pobres enfermos encarcerados, amparasse as donzellas orphãs e as viuvas sem abrigo.

Entretanto que a rainha lhe promettia appoio, frei Miguel, acompanhado do seu anão, pedia pelas ruas, e, juntando as esmolas no pateo da Sé ali as repartia em tres partes: a primeira para as viuvas pobres e recolhidas, a segunda para os mendigos que ali corriam a receber o obulo da caridade e a terceira para os presos.

Para soccorrer as donzellas pobres e orphãs o frade pedia não só á rainha e aos principes, mas a todos os fidalgos da côrte conseguindo juntar por vezes grosso peculio, que destinava para dotes das orphãs a quem depois casava.

Foi d'ahi que se originaram as reaes doações de D. Manuel, da rainha e das infantas, doação a que se deu o nome de *juros reaes para dotes de orphãs*, e que foram administrados pela confraria que frei Miguel depois instituiu.

Pelo fallecimento d'elrei D. João II, e subida ao throno do duque de Beja, D. Manuel, irmão da rainha viuva, frei Miguel dirigiu-se de novo a D. Leonor supplicando lhe, com a maior instancia, a caridosa instituição que havia tanto lhe tinha sido promettida por aquella augusta senhora. Expôz-lhe o grande lustre que adviria á religião do estado a fundação de uma irmandade, legalmente constituida por meio d'um compromisso, ou estatutos, que a fizessem vigiar como tutora e curadora das orphãs e viuvas, podendo accudir-lhes, com o prompto remedio de que ellas, as pobres desvalidas, tanto careciam.

Assegurou-lhe que o papa Alexandre VI, de certo authorisaria essa santa instituição e a consagraria com a sua benção e approvação.

A rainha ouviu-o benignamente, e callando em seu animo as sensatas considerações do seu confessor, prometteu-lhe prompto e efficaz patrocinio. Este effectivamente, não se fez esperar, porque um anno depois, em 1498, foi a irmandade instituida dando-se-lhe o seu primeiro compromisso,

que só veio a ser publicado em 1516, e confirmado por alvará de 4 de julho de 1564.

Este, compromisso, que existia no convento da Trindade, e hoje se acha na torre do Tombo, foi assignado pelo rei D. Manuel, pela rainha viuva e instituidora, D. Leonor (1) pela infanta D. Brites (então de 12 annos) e por frei Miguel, que ali se acha com a designação de *Sacrae Theologiae Magister*.

A fundação da irmandade teve primeiramente logar nos claustros da Sé, na capella de Nossa Senhora da Terra Solta. Junto á capella se estendiam, pelos claustros, as enfermarias do hospital das orphãs e viuvas, tambem fundado por frei Miguel, sob o patrocinio de D. Manuel, mas tendo-se este hospital julgado insufficiente e tido como pejamento para a serventia da cathedral, deu o seu instituidor parte d'isso a el rei, que, desde logo, mandou fazer á custa da sua real fazenda o celebre e sumptuoso templo da Misericordia á Ribeira Velha (onde hoje se acha a igreja da Conceição Velha) edificio vasto e riquissimo, que depois foi concluido por D. João III, mandando fundar aos lados da egreja dois magnificos recolhimentos communicando-se um com o outro, e com tribunas para a egreja.

Concluida a obra se trasladou para ali, em 25 de março de 1534, a irmandade da misericordia em uma pomposa procissão, asylando-se cincoenta e tantos orphãos.

Annos depois, em 1575, a Mesa mandou se pintasse nas bandeiras da misericordia, em homenagem ao seu fundador, a imagem do religioso frei Miguel de Contreras com as lettras *F. M. I.* que significam: *Frei Miguel Instituidor*.

Dando-se em novembro de 1755, o horrivel terremoto que destruiu parte da cidade, o edificio incendiou-se perdendo-se com elle os maiores primores que a arte póde produzir tanto em pedra como em obra de talha, e os rendilhados mais admiraveis que a mão do homem póde executar.

Em vista d'esta lamentavel catastrophe a Mesa da Irmandade passou a occupar a ermida de Nossa Senhora do Bom Successo, na calçada do Lavra, indo pouco depois para a ermida de S. Pedro em Valle de Pereiro, onde esteve alguns annos, passando depois para a ermida chamada de S. Vicente Ferrer, ás Olarias, e por fim para a ermida de Nossa Senhora da Oliveira, na rua dos Algibebes.

Quanto aos orphãos passaram esses, depois do terremoto, que os havia deixado sem guarida, para uma horta, á Bica do Sapato, onde se fizeram bastantes accomodações. Passados mezes foram para Belem onde estiveram pouco tempo, passando a occupar o palacete de Diogo Liberate, na rua dos Anjos. Ahi permaneceram até 24 de junho de 1756, em cujo dia se mandaram para umas casas pertencentes ao desembargador Filippe Ribeiro da Silva, contiguas á ermida de S. Vicente Ferrer, e por ultimo para a calçada de Santo André, onde estavam os enjeitados, que, a seu turno, foram removidos em 1762 para o Collegio de Santo Antão, já a esse tempo transformado em Real Hospital de S. José, como terei occasião de narrar no proximo artigo, quando tratar da fundação d'este edificio.

Convêm dizer que a instituição dos expostos chamada *Roda*, não estava ainda junta ao recolhimento das orphãs e viuvas: a creação e sustento dos expostos esteve no principio do seculo XVII a cargo do senado de Lisboa, que em 28 de junho de 1637 fez uma concordata com a irmandade da Misericordia em lhe dar todos os annos 600$000 reis, ficando a dita camara desonerada d'esse encargo.

A irmandade da Misericordia estabeleceu então no Real Hospital de todos os Santos umas casas apropriadas para esse fim piedoso, mas ardendo grande parte do mesmo hospital em 1750, os expostos tiveram que passar para umas casas na calçada de Santo André (para onde depois foram, como já dissemos, as meninas orphãs) e d'ali, annos depois, para o collegio de Santo Antão. Já a esse tempo a camara tinha elevado o subsidio de 600$000 reis a um conto de reis.

Em 1 de julho de 1769, vespera da visitação de Nossa Senhora, verificou-se a juncção dos dois estabelecimentos de beneficencia n'um só edificio vastamente accomodado a esse fim, concedendo-lhes el-rei D. José a doação regia do avultado patrimonio de 100 contos de reis e fazendo pura, perpetua e irrevogavel, por carta de 8 de fevereiro de 1768, a doação da egreja e convento de S. Roque, casa professa dos jesuitas, á irmandade da Santa Casa da Misericordia para ali se estabeleceram commodamente os aposentos de creação dos engeitados e recolhimento das meninas orphãs.

Em 1775, por alvará de 31 de janeiro, foi ordenado que se reunissem em uma só massa os rendimentos da Santa Casa de S. Roque e Hospital de S. José, mas o decreto de 19 de janeiro de 1782 determinou que fossem de novo desanexados, se bem que as rendas do hospital continuassem a ser administradas pela Meza da Misericordia. Isto porém foi a origem de muitas irregularidades, o que fez com que em 26 de novembro de 1851 se determinasse que as duas administrações fossem d'ahi em deante inteiramente distinctas e independentes entre si, resolução que não tem sido alterada até ao presente.

O edificio da Santa Casa da Misericordia de Lisboa e o templo de S. Roque que lhe está annexo são dignos de serem visitados pelos estrangeiros. A egreja é magnifica; foi edificada em 1506 no sitio onde estava uma pequena ermida de S. Roque e reedificada sumptuosamente em 1567. Ali se acha a preciosa capella de S. João Baptista, mandada fazer em Roma por D. João V, e patenteada ao publico pela primeira vez em 13 de janeiro de 1751. Custou dois milhões de cruzados.

Silva Pereira.

(1) A rainha D. Maria, esposa de D. Manuel, achava-se n'esta occasião bastante doente vindo a fallecer no seguinte anno.

O JANTAR DE ANNOS

I

N'uma noite fria de janeiro em que a chuva, impellida pelo sudoeste, açoitava com furia as vidraças da casaria de Lisboa, estava o sr. Aniceto Fulgencio escrevendo pachorrentamente algumas cartas de convite com a mão direita appoiada sobre a sua secretária e as pernas envolvidas n'um farto cobertor de papa.

No rosto, em que se reflectia a serena claridade de um candieiro de trabalho, divisava-se aquelle ineffavel egoismo de quem sente, debaixo da telha protectora, cahir as bátegas de agua, formando póças pelas ruas.

Junto da secretária e de pé, a sr.ª D. Ricarda, esposa de Aniceto Fulgencio, seguia de olhos attentos as curvas de grosso bastardo, traçadas pelo marido.

Os conjuges achavam-se reunidos na saleta de um primeiro andar habitado por elles a S. Paulo, saleta que accumulava, aos seus naturaes attributos de ante-camara, as funcções mais elevadas de escriptorio do dono da casa. Mobilia burgueza e de gosto vulgarissimo: oito cadeiras e um canapé de mogno com assentos de palhinha, uma estante e a citada secretária tambem de mogno, esteira amarella no sobrado com passadeiras de linhagem alvadia, cortinas de caça branca nas janellas, uma alcatifa junto ao canapé representando um perdigueiro em acção de abocear a presa, e algumas lithographias coloridas pelas paredes, entre as quaes sobresahiam a effigie do sr. D. Luiz e o retrato de Garibaldi, mostrando o sr. Fulgencio n'este desinteressado ecletismo a sua sympathia pela casa de Bragança e a sua admiração pelo unificador da Italia.

—Como ella cae, como ella cae! exclamava o sr. Fulgencio, saboreando o aprasivel conforto do seu cobertor de papa.

—Vê se te não esquece algum nome, observou-lhe D. Ricarda, lançando um novo olhar para as cartas já sobrescriptadas.

—Não esquece, não esquece. Um homem habituado a escrever difficilmente se engana.

—Sempre é bom verificar.

—Pois verifiquemos.

E o sr. Fulgencio, juntando todas as cartas, começou a passar, um por um, os differentes sobrescriptos.

—Carta para o Barros e as duas filhas, disse elle.

—Bem, respondeu D. Ricarda.

—Carta para o Silveira e a mulher.

—Adeante.

—Carta para a viuva Abrunhosa e a mana Rufina.

—Adeante.

—Carta para o Cesario e a sobrinha; carta para a D. Gertrudes e o neto.

—Parece-me que estão todas.

—Espera! atacou o sr. Fulgencio. E o Cypriano Borges? o compadre Cypriano?

—Esse não: e perdia nada se deixasse de ser convidado. olteirão de cincoenta e tantos annos, que passa a vida a seguir mulheres como qualquer namorador de esquina.

—Olhem o grande crime, retorquiu o sr. Fulgencio acabando á pressa a carta que lhe faltava. O Cypriano, se bem que alegre e folgasão, é um homem de muito boas qualidades. Tem, é certo, o fraco das mulheres e dos pés pequenos... Mas tambem que mal ha n'isso?

—Sim desculpa-o. Vocês lêem todos pela mesma cartilha.

—Mas olha que a respeito de merecimentos ainda valem menos os outros nossos convidados. E se não, vê. O Barros, por exemplo, com aquellas apparencias de santidade, quando está deante das filhas, é um refinado jogador que perde de noite na batota o que tem e o que não tem.

—Nem tudo que se diz é verdade.

—Eu que o digo, é porque o sei. E o Silveira e a mulher?

—O que tens que notar a esses dois?

—Que, para vestirem á moda, são uns caloteiros de marca maior. Com a idea de fugirem aos credores andam todos os semestres a mudar de casa. Emquanto á viuva Abrunhosa e á mana Rufina...

—Tambem ellas!... Duas senhoras tanto de bem!

—Quem duvida da sua honestidade? Com as caras que Deus lhes deu, só o Abrunhosa poderia ter-se tentado. E repara que Abrunhosa só houve um, por isso a mana Rufina ficou solteira para todo o sempre. A que eu me queria referir era á lingua das duas manas... Que thesourinhas!

—Tu exaggeras.

—Pois sim, exaggero... Tambem não me admira que tenham má lingua. Mulheres feias são sempre mulheres maldizentes.

E o meu presado Cesario? Esse, para metter a sobrinha de portas a dentro, poz na rua a filha que vive de trabalhar em roupa branca. E padece do estomago aquella boa alma. Carvão em braza devia elle ter na barriga para o castigar do que fez ao seu sangue.

—Tu censuras a viuva Abrunhosa e a irmã... pois emquanto a lingua não lhes ficas a dever nada.

—Mas eu digo verdades, não calumnio ninguem. Falta a D. Gertrudes e o neto...

—O que! até a D. Gertrudes te não escapa!

—Estraga o pequeno com mimos e gasta em futilidades a maior parte dos seus rendimentos; mas no fundo é boa senhora. De resto, quem só quizesse metter em sua casa trigo sem joio, teria de viver como o espargo no monte, e para isso é que eu não estou disposto.

—Ainda bem que acabaste de arengar.

—Tu é que tiveste a culpa. Não dissesses mal do Cypriano, que, no fim de contas, sempre é padrinho do nosso casamento.

—O que te posso afiançar é que passava cá perfeitamente sem elle.

—Mas olha, menina, que sem elle ficariamos treze á mesa.

—Treze?!

—Sim, treze. Ora vê bem: o Barros e as duas filhas, trez; o Silveira e a mulher, cinco; a viuva Abrunhosa e a irmã, sete; o Cesario e a sobrinha, nove; a D. Gertrudes e o neto, onze; nós dois, treze e com o Cypriano quatorze.

—Convida-o, Fulgencio, convida-o! Se te parece, abre a carta de novo para lhe recommendares que não falte por modo nenhum.

—Descança; elle bem sabe que dia é que se festeja.

D. Ricarda chamou então o creado, que estava na cosinha ajudando a sopeira a limpar a louça do jantar, e determinou-lhe muito expressamente que n'aquella mesma noite fosse entregar todas as cartas.

O creado sahiu de má catadura, dando mentalmente ao demonio a distribuição epistolar que lhe enterrompia o meigo dialogo da cosinha e o expunha aos asperos rigores de uma noite tempestuosa.

Dois dias depois realisava-se o anniversario de Aniceto Fulgencio, que por essa occasião costumava reunir sempre em banquete as pessoas da sua intimidade.

Aniceto Fulgencio, homem dos seus sessenta annos, cabeça calva, suissas grisalhas e abdomen desenvolvido, é um logista abastado, com estabelecimento de drogaria n'uma das ruas da baixa.

Sem possuir requintes de delicadeza nem de esmerada educação, é, comtudo, homem de contas lisas e de grande esperteza para o negocio. O seu armazem destaca entre os outros pela pintura irreprehensivel das portas — o que é natural n'um droguista — e pelo abundante sorti-

mento de oleos, essencias e tintas de todo o genero.

A esposa, senhora de quarenta annos bem puxados, é o que se costuma dizer uma boa dona de casa. Dotada de varias prendas femininas, borda a missanga, faz á machina as seroulas do marido, abre a roupa da lavadeira, dá como ninguem pontos em meias e fabríca doces de cópa que são o pasmo e o regalo das suas visitas mais gulosas. Não ha porém absoluta perfeição. Assim como o sol tem manchas, D. Ricarda tem um defeito. É apprehensiva; crê em enguiços como o rei grotesco da *Mascotte*.

Sal entornado, tira-lhe o somno; um mocho a piar provoca-lhe syncopes, e se, em dia de sahir a passeio ou a compras, encontra na rua um torto ou um corcunda, volta logo para casa, fazendo figas todo o caminho para evitar o mau olhado.

Um dia o marido quiz tomar de trespasse uma grande loja onde a sua drogaria ficaria mais á vontade. Porque uma das portas d'essa loja tinha o numero treze, D. Ricarda obrigou o marido a desfazer a transacção, buscando convencel-o da influencia fatal d'aquelles dois algarismos.

Tirado isto, nada ha que apontar ao caracter serio e respeitavel da sr.ª D. Ricarda, que tem um coração bondoso, gosta de obsequiar os que recorrem ao seu prestimo e é elogiada na freguezia pelas muitas esmolas que dá.

D. Ricarda, depois da sahida do creado, foi para o seu quarto de costura fazer serão e pensar nos preparativos da festa. O anniversario do marido era o dia em que figuravam na mesa as pratas, os cristaes e os serviços da India do seu bom recheio de casa abastada.

Aniceto Fulgencio, com as pernas sempre embrulhadas no cobertor, ficou examinando as facturas de uma partida avultada de enxofre que recebera da Sicilia.

No fim do exame, esfregando as mãos contra o frio, segredou a si proprio muito alegremente:

—Bonito negocio!... uns tres contositos de ganho. Isto já dá bem á farta para as despezas de um jantar de annos.

E a chuva continuava a açoitar as vidraças; e o perdigueiro da alcatifa junto ao canapé, com a bocca muito aberta, parecia querer reclamar para si uma parte equitativa n'aquelles ganhos do enxofre.

(Continúa) *Pedro Vidoeira.*

RESENHA NOTICIOSA

OS AUCTORES PORTUGUEZES QUE ESCREVERAM EM CASTELHANO. É este o titulo de uma obra que o governo hespanhol vae mandar imprimir e a respeito da qual a *Academia da lingua* já deu o seu parecer favoravel. O autor d'esta obra é o sr. dr. Domingos Garcia Peres, residente em Setubal, antigo deputado da nação e bibliophilo de grande merecimento. A obra está escripta ha muito tempo, mas só agora resolveu dal-a a publico, a instancias de alguns membros da Academia hespanhola.

EXPOSIÇÕES HORTICOLAS NO PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO. Devem realisar-se este anno tres exposições horticolas no palacio de Crystal do Porto, sendo a primeira nos dias 6 e 7 de maio, a segunda nos dias 13 e 14 do mesmo mez, e a terceira nos dias 3, 4, 5 e 6 de junho. A primeira exposição constará de: plantas em flôr, comprehendendo azeleas, cinerarias, rhododendrons, amores-perfeitos, calceolarias, primulas, violetas e margaridas; roseiras com flôr; flôres cortadas; plantas ornamentaes e ferramentas de jardinagem, moveis, etc. A segunda compor-se-ha de: roseiras com flôr e rosas cortadas; plantas diversas ornamentaes; *boquets*, grinaldas, ornamentação de mezas de jantar; flôres artificiaes em todos os generos. A terceira comprehenderá: rozeiras com flor de floração tardia, rosas cortadas, plantas ao ar livre em que figuram: cravos, petunias, fuchsias, peonias, dahlias, lychnis, lobelias e phlox; plantas de estufa, achimenes, gloxinias, orchideas, e tydœas; muitas plantas ao ar livre: palmeiras, agaves, aneubas, fetos e plantas ornamentaes de estufa: palmeiras, caladiums, adiantums, coleus, crotons e outras.

A LUNETA APPLICADA A UM CÃO. É extremamente engraçada e original uma noticia que lêmos n'um jornal inglez, com respeito a um cão cego, a quem o acaso proporcionou vêr com luneta.

O sr. Charles Roby, do condado de Nelson, tinha um cão americano, de caça, que perdera quasi a vista, o que puzera o animal em profunda tristeza, deixando partir os seus companheiros para a caça sem os poder acompanhar. Um dia uns rapazes, brincando com o pobre cego, collocaram-lhe no focinho uma luneta velha de grossos vidros, e o cão deu logo mostras de grande satisfação, reconhecendo-se que o animal via atravez d'aquellas lentes. Tratou-se então de lhe arranjar uma luneta adequada, prendendo-lh'a á cabeça da melhor fórma possivel, e o cão logo acompanhou os outros cães á caça, sendo dos que mais se adeantava com mostras de grande alegria. Quando a luneta lhe cae, elle deixa passar para deante os seus companheiros e depois tomando-a na bocca leva-a ao dono para que elle de novo lh'a colloque. Se fingem que lh'a querem tirar enraivesse-se, e por isso anda sempre com ella posta no focinho.

DR. ALBINO AUGUSTO GERALDES. Falleceu em Coimbra o sr. dr. Albino Augusto Geraldes, lente da faculdade de medicina e um distincto homem de sciencia. Quando em 1874 o sr. Antonio Luiz Ferreira Girão publicou um opusculo, tratando da evolução e da origem do homem, o dr. Geraldes tomou boa parte n'esta questão, que estabeleceu um torneio litterario-scientifico entre os dois, e em que o dr. Geraldes manifestou grande cópia de conhecimentos e profunda sciencia. Mais tarde, em 1878, seguiram-se as *Questões de philosophia natural*, depois, em 1879, *O darwinismo ou a origem das especies*, em que continuou a sustentar a mesma sciencia. O dr. Geraldes era, emfim, a par de um homem de sciencia, um cavalheiro estimavel pelas suas qualidades pessoaes, que o faziam querido de quantos se lhe approximavam.

REFORMA DO KALENDARIO GREGORIANO. A sociedade Astronomica de França abriu um concurso para a reforma do Kalendario Gregoriano, estabelecendo seis premios aos concorrentes. O primeiro premio foi conferido ao sr. Gaston Amelin, que propoz a seguinte reforma: O anno compor-se-ha de 52 semanas e 1 dia. Este dia será considerado independente do anno que termina e do anno que principia, sendo simplesmente denominado *Dia de Anno Bom*. Os 364 dias de que se compõem as 52 semanas, serão divididos em 4 trimestres ou 13 semanas exactas. O primeiro mez de cada trimestre terá 31 dias e o segundo e terceiro 30 dias cada um. D'este modo os annos serão perfeitamente similhantes emquanto a data de cada dia de semana.

INOVAÇÃO NA INDUSTRIA DO VIDRO. Um engenheiro inglez de Ferrybridge, sr. Ashley, inventou um novo processo para a fabricação de objectos de vidro, que importa uma grande economia. Nas garrafas, por exemplo, que se fabricam por meio de sopro applicado pelo operario, trabalho fatigante que cedo inutilisa o operador, passam, pelo novo processo, a serem fabricadas automaticamente, dispensando assim o trabalho do operario e evitando a grande perda do material, que se dá com o antigo systema de fabrico. A economia que este invento realisa, reduz o preço dos artefactos de vidro a menos de metade do seu custo actual.

ESTATUA DE PARMENTIER. Vae ser inaugurada no dia 10 de abril proximo, na cidade de Neuilly, uma estatua a Parmentier, o introductor da cultura da batata em França como alimento nutritivo e saudavel, que depois se generalisou por toda a Europa. A estatua do celebre agronomo foi offerecida pelo governo á cidade de Neuilly. Primeiro houve idéa de collocar o monumento sobre um campo de Sablons, onde se fizeram as primeiras plantações do famoso tuberculo, mas afinal resolveu-se erigir a estatua na praça de Parmentier, uma das principaes da cidade. O auctor da estatua é o esculptor Gaudez. A figura, de bronze, representa Parmentier de pé, com a cabeça descoberta, examinando uma batata que acabou de cortar com uma faca que tem na mão direita. Tem a tiracollo uma especie de sacca contendo batatas. Aos pés vê-se uma pá. Assim vae pagar a cidade de Neuilly a sua divida de gratidão a este benemerito da humanidade.

O VOLAPÜK OU A NOVA LINGUA COMMERCIAL UNIVERSAL. Tem tido grande incremento a nova lingua commercial universal, denominada Volapük, inventada pelo dr. Schleyer, linguista notavel, e de que publicamos a paginas 77 a 80 do IX vol. do OCCIDENTE, ou n.º 262 da collecção, as regras grammaticaes, concorrendo assim para a sua propagação, que julgamos de grande utilidade, muito especialmente para os paizes que, como o nosso, tem lingua tão pouco generalisada ou conhecida no estrangeiro. O dr. Schleyer já conferiu 23 diplomas de professores de Volapük de diversas nações. Fundaram-se mais 22 associações para a propagação da nova lingua; no ultimo anno realisaram-se 44 conferencias sobre este assumpto; tem-se aberto cursos em differentes cidades, da Allemanha, Austria, Russia, França, Scandinavia, Bosnia, Filandia e Suissa. Em Portugal só o OCCIDENTE publicou a grammatica e pensamos que mais nada se tem feito em favor de tão importante assumpto.

SEDA DE ARANHA. Um industrial inglez, Stettbeos, voltando a uma idéa já antiga, está fabricando um tecido de fio de aranha, que a medicina vae utilisando como hemostratica. Como se sabe entre nós, é d'um uso popular o emprego da teia d'aranha para sustar o sangue dos golpes. A invenção Stettbeos e um aperfeiçoamento d'esta pratica tradicional. Tem em casa um viveiro de grandes aranhas n'uma estufa, alimentadas e tratadas com esmero. Aproveita especialmente os casulos dos ovos; cada casulo dá mais de cem metros de fio, e para fazer um kilo de sêda são precisos 25:000 casulos. A sêda obtida é lisa, brilhante e resistente.

A MEDICA MADAME ANNA KINGSFORD. Acaba de fallecer em Paddington, a seis kilometros de Londres, madame Anna Kingsford, uma das primeiras doutoras da faculdade de medicina de Paris. Morreu tisica, muito nova ainda, e, segundo dizem, era formosissima. A sciencia tornara-a parisiense. Muito independente, como todas as inglezas, installou-se em 1874 no bairro Latino e em 1880 recebia o grau de doutora em medicina pela faculdade de Paris. A sua tese teve por tema: «Da alimentação vegetal do homem». Relacionou-se em Paris com todas as summidades scientificas femininas. No inverno de 1880, abriu um consultorio em Londres e não tardou que tivesse uma bella clientella. Viajou bastante, sempre attrahida por questões scientificas, congressos, descobertas, etc. Era casada com um pastor protestante. Quiz que lhe queimassem o cadaver e, assim, a cremação fez-se, no dia 26 do mez findo, em Paddington.

A CANTORA CHRISTINA NILSSON. Christina Nilsson decidiu, em consequencia do seu casamento, deixar o theatro. Comtudo, antes de se despedir do publico inglez, prometteu cantar ainda em dois concertos, que se verificarão em Saint-James's e no Royal Albert-Hall. Este ultimo concerto coincidirá com o vigessimo quinto anniversario da estreia da grande artista, no theatro de la Reine. Espera-se ainda assim que esta decisão de Nilsson não será irrevogavel.

D. PEDRO II E AS MUSAS. Como se sabe, o imperador do Brazil, monarcha sobre todos sapiente, entrega-se por vezes ao ameno convivio das musas e d'essa intimidade resultam, não raro, pequenas peças de verso, que os jornaes escriptos no idioma de sua magestade se apressam em transcrever, precedendo-as de phrases em que ressumbra o mais acrisolado amor patrio. Succede que as producções poeticas do soberano brazileiro começam a tornar-se mais largamente conhecidas, graças á sollicitude de alguns poetas, entre os quaes figura em primeiro logar o sr. Stephen Liégeard, a quem devemos a seguinte versão de um dos sonetos do imperador: «Este soneto, já publicado em portuguez nos jornaes do reino e do imperio, e composto por D. Pedro II durante a sua ultima viagem á Europa, acaba de ser lido em presença do imperador, n'uma sessão solemne da Sociedade litteraria e scientifica de Cannes.

A BORD

Marcher, encour marcher, á bord telle est la vie.
A peine si le livre un instant me saduit;
La Musique, le soir, á rêver me convie,
Puis le sommeil vient tôt, et plus tôt il s'enfuit.

C'est que des longs regrets ma nef est poursuivie...
Sur mon luth attristé nulle image ne luit
Hors celle de la terre á mon amour ravie,
Doux soleil de mes jours, étoile de ma nuit.

Ah! pour ne pleurer point je mords parfois ma lèvre;
De la Patrie absent en mon sang bout la fièvre...
Mais un seul jour suffit á payer maint effort:

Ce jour, ó mon Bresil, je le vois, il arrive,
Et dejá, tout joyeux, mon cœur vole á ta rive,
Car pour te mieux servir je te reviens plus fort!

CORRIDAS DE CAVALLOS EM LISBOA — Nos dias 1 e 2 de abril, haverá em Lisboa, corridas de cavallos promovidas pela Sociedade promotora do apuramento de raças cavallares de que é presidente honorario o principe D. Carlos. No primeiro dia haverá as seguintes: Primeira corrida, *Cosmos*; premio da sociedade 350$000 reis; ao 1.º 320$000 reis, ao 2.º 30$000 reis, para cavallos

PRENSA COMPRESSORA DE PALHA E FENO DE WHITMAN

350$000 réis; ao primeiro, 320$000 réis; ao segundo, 30$000 réis para cavallos inteiros e egoas de qualquer idade, raça e procedencia. Distancia, 3.000 metros. Segunda corrida, *Premio do hippodromo*; premio da sociedade, 150$000 réis, para cavallos e egoas portuguezas e cruzados de 4 annos em deante, que não tenham sido vencedores d'um premio superior a 200$000 réis. Distancia 1.800 metros. Terceira corrida, *Criterium*; premio do governo, 1:000$000 réis; ao 1.º 850$000 réis, ao 2.º 100$000 réis, ao 3.º 50$000 réis, para poldros inteiros e poldras portuguezas e cruzados de 3 annos. Distancia 1.300 metros. Quarta corrida, *Militar*. Opportunamente serão publicadas as condições d'esta corrida. Quinta corrida, *Hurdle-roes*; premio da sociedade, 350$000 réis; ao 1.º 320$000 réis, ao 2.º 30$000 réis, para cavallos e egoas de qualquer raça e procedencia, de 4 annos em diante. Distancia, 2.000 metros, com 7 obstaculos. Sexta corrida, *Peninsular*; premio do governo, 250$000 réis; ao 1.º 225$000 réis, ao 2.º 25$000 réis, para cavallos inteiros e egoas portuguezas e cruzados de qualquer edade. Distancia, 2.000 metros. Corridas do segundo dia: primeira corrida, *Criterium;* premio do governo, 350$000 réis, ao 1.º 320$000 réis, ao 2.º 30$000 reis, para poldros inteiros e poldras portuguezas e cruzados de 3 a 4 annos. Distancia, 1.800 metros. Segunda corrida, *Handicap puro sangue;* premio da sociedade, 450$000; ao 1.º 400$000 réis, ao 2.º 50$000 reis, para cavallos e egoas inglezes e anglo-arabes de todas as edades. Distancia, cerca de 3.000 metros. Terceira corrida, *Militar*. Opportunamente serão publicadas as condições d'esta corrida. Quarta corrida, *Handicap nacional;* premio da sociedade, 500$000 réis; ao 1.º 450$000 réis, ao 2.º 50$000 réis, para cavallos e egoas portuguezes e cruzados de qualquer edade. Distancia, cerca de 2.000 metros. Quinta corrida, *Compensação;* premio da sociedade, 100$000 réis; *handicap* para todos os cavallos e egoas inglezes e anglo-arabes que tenham corrido e e não tenham sido vencedores n'estas. Distancia cerca de 1.300 metros. Sexta corrida, *Consolação;* premio da sociedade, 100$000 réis; *handicap* para todos os cavallos e egoas portuguezes e cruzados, que tenham corrido e não tenham sido vencedores. Distancia, cerca de 850 metros.

Uma beatificação. Teve logar em Roma a beatificação da religiosa agostinha irmã Maria Josefina de Santa Ignez, Benigamin, diocese da provincia hespanhola de Valencia. A cerimonia verificou-se com a costumada solemnidade d'estes actos. Assistiram a embaixada de Hespanha, muitos individuos da colonia hespanhola e um descendente da bemaventurada Santa. Tambem estavam presentes os religiosos da ordem de Santo Agostinho. Eram tres horas da tarde, quando sua santidade se apresentou, e esteve por muito tempo resando defronte da imagem da bemaventurada santa. Com esta cerimonia terminou a serie de beatificações.

As Bibliothecas mais ricas. A Bibliotheca Nacional de Paris é a maior do mundo, pois conta 2.078:000 volumes; não quer isto, porém, dizer que seja a França o paiz mais rico em bibliothecas. Possue 500 que conteem ao todo 4.598:000 volumes e 135:000 manuscriptos, ou 12,5 volumes por cada 100 habitantes, ao passo que a Austria possue actualmente 577 bibliothecas que conteem 5.475:798 volumes, sem contar os mappas e manuscriptos, o que representa um numero de 26,8 volumes por cada 100 habitantes. A Austria é pois o paiz mais rico em bibliothecas. A Italia tem 493 bibliothecas e 4.349:280 volumes e 330:570 manuscriptos, ou 162 volumes por cada 100 habitantes. A Prussia, com 398 bibliothecas, tem 2.640:450 volumes e 58:000 manuscriptos, ou 11 volumes por cada 100 habitantes. A Grã-Bretanha tem apenas 200 bibliothecas com 2:871.493 volumes e 26:000 manuscriptos. Possue a Russia 145 bibliothecas, com 952:000 volumes e 24:300 manuscriptos, ou 1,3 volumes por cada 100 habitantes. A Baviera tem 169 bibliothecas com 1:368.500 obras e 24:000 manuscriptos. A bibliotheca mais importante depois da de Pariz é a do Museu Britannico com 1:000.000 de volumes; depois a Bibliotheca Real de Munich com 800:000 volumes e successivamente a de Berlim com 700:000, a de Dresde com 500:000 e a de Vienna com 420:000. As Universidades de Oxford e de Heidelberg possuem cada qual uma bibliotheca com mais de 300:000 volumes. A bibliotheca do Vaticano, em Roma, conta tão sómente 30.000 obras; mas possue mais de 25.000 manuscriptos de summa valia.

Exposição de pintura. Os srs. Marques d'Oliveira, Julio Costa, Marques Guimarães, Antonio José da Costa e Xavier Pinheiro, promovem a segunda «Exposição d'Arte» que deve ter logar, como em o anno passado, no salão nobre do Atheneu Commercial do Porto, briosamente cedido por esta aggremiação, em o mez de março proximo. É de esperar que esta exposição obtenha um exito bastante lisongeiro pelo nucleo de distinctissimos artistas que a ella concorrem.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historia da Lusitania e da Iberia. *Desde os tempos primitivos ao estabelecimento difinitivo do dominio romano, parte fundada em documentos, até ao presente indecifraveis*, por João Bonança. Está publicado o fasciculo n.º 6. Assignatura por fasciculos de 32 pag. pagos no acto da entrega em Lisboa e nas terras em que houver estações postaes, 400 réis cada um; cada volume, pago adiantado, 6$000; a obra completa 17$000 réis. Depois de publicada, a obra custará 27$000 réis. Toda a correspondencia á Empreza da Historia da Lusitania e da Iberia — Rua Ivens, 41, Lisboa.

Sensitivas Rimas Varias, por Henrique Marinho, Lisboa Typ. de Henrique Zeferino, 1888. O auctor dedica este seu primeiro livro de versos ao distincto medico homœopatha o sr. dr. Rebello da Silva. E' uma estreia a publicação d'este livro e, portanto, deve merecer toda a benevolencia da critica, além de que, o poeta escolheu para epigraphe do seu livro este verso de Camões: «Cada qual cante do que fôr seu gosto», no que estamos de perfeito accordo com o novo poeta, assim nós podessemos perceber qual é o gosto do sr. Henrique Marinho.

Bibliotheca do Povo e das Escolas. David Corazzi, editor, Lisboa, n.º 153, *Historia Romana* por J. Fernandes Costa. N'este pequeno volume está perfeitamente resumida a Historia Romana, e apesar das 64 pag. a que está limitada nem por isso deixa de tocar todos os pontos mais importantes d'aquella grande civilisação.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, *fundada em 1875*, 7.ª serie, n.º 4. O primeiro insere: Expedição ás terras de Muzilla em 1882 — Relatorio do chefe da expedição, o primeiro tenente Antonio Maria Cardoso; o summario do segundo é: *Contributions et la flore cryptogamique du nord du Portugal;* O Congo portuguez — Relatorio sobre as feitorias do Zaire, seu commercio, trabalhos de Stanley e missões inglezas, por Jayme Pereira de Sampaio Forjoz de Serpa Pimentel, S. S. G. L.

O Instituto *revista scientifica e litteraria* vol. XXXV janeiro de 1888, segunda serie n.º 7. Coimbra. O summario d'este numero é o seguinte: O Feudalismo, por Joaquim Maria Rodrigues de Brito; Compendio de economia politica, por Manoel d'Almeida; Projectos do relatorio e plano de reforma da faculdade de medicina; *Catalogue des coleopteres du Portugal*, por Manoel Paulino d'Oliveira; A evolução biologica dos amphibios, por Augusto Nobre; Numero do *Intermezzo* (poesia) por Joaquim de Araujo; José Ramos Coelho — poesia á Virgem Maria (carta de França), por L'abbé Th. Blanc; Fastos portuguezes (miniaturas historicas) 111 D. Sebastião, 20 de janeiro de 1554, por A. A. da Fonseca Pinto; Catalogo dos objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra, por J. C. A. de C.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa